

Plantas Venenosas e Animais Peçonhentos.
Samuel Schwartsman. 2ª ed., São Paulo:
Sarvier, 1992.

É um fenômeno raro, mas acontece. Em 1989, um amigo da Sucam (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública) de Florianópolis telefonou-me pedindo para elucidar acidentes que estavam ocorrendo no oeste do estado de Santa Catarina, devido ao contato com lagartas de mariposas.

Felizmente, a biblioteca da Escola Nacional de Saúde Pública possuía publicações que permitiram-me esclarecer o problema, e foi justamente este problema que fez com que eu me interessasse por este livro. Ele é apresentado como uma 2ª edição modificada e ampliada de *Plantas Venenosas* (Sarvier, 1ª ed., 1979), porém, na realidade, é um novo livro, pois a parte animal representa mais da metade do volume.

Abordando a importância das intoxicações, a Tabela 1 do 1º capítulo desmente a má fama dos defensivos agrícolas. Enquanto a porcentagem de acidentes por praguicidas é da ordem de 10%, os provocados por medicamentos atingem 45%. Estes dados são do Centro de Controle de Intoxicações de São Paulo.

Entre as plantas que causam distúrbios digestivos, encontramos a mamona e o tungue, ambos cultivados para a produção de óleo. Porém, uma das mais violentas é a chamada mandioca-brava, matéria-prima de um dos itens mais importantes da alimentação brasileira: a farinha de mandioca.

Entre os fungos destacam-se os aspergilos produtores de aflatoxinas, que, às vezes, são encontradas no amendoim mal-armazenado.

A lista de cogumelos tóxicos é longa, mas os acidentes são raros.

Entre as plantas alucinógenas, a única importante é a maconha, pois cocaína é coisa de rico.

A parte vegetal do livro termina com uma relação, em ordem alfabética, das espécies de interesse toxicológico. Para todas elas são fornecidas informações sobre a clínica e o tratamento.

Ao iniciar o estudo dos animais peçonhentos,

J. L. Cardoso lembra que as intoxicações por eles provocadas só são superadas pelas intoxicações medicamentosas. Esta informação é importante porque, enquanto o governo cria um *Programa Nacional de Ofidismo*, não manifesta a menor preocupação com os remédios.

Tanto as cobras como o ofidismo estão muito bem apresentados, com destaque, logicamente, para a parte médica.

G. Puerto chama a atenção para o papel das cobras no equilíbrio da natureza, principalmente consumindo roedores. Atualmente, nos cacauais da Bahia, está havendo um grande aumento na população de ratos, devido à eliminação das cobras pelos agrotóxicos. Eles estão freqüentando os cacauzeiros para comer as sementes de cacau, causando grandes prejuízos.

S. M. Lucas de P. I. Silva Júnior elaboraram uma tabela ilustrada, muito eficiente, para o reconhecimento dos gêneros de aranhas venenosas. Neste capítulo, os dados epidemiológicos do Instituto Butantã são minuciosos.

O capítulo sobre escorpionismo é puramente médico, o que também se observa em relação aos himenópteros.

Muito bons os capítulos sobre lepdopterismo, onde se destaca a contribuição dos médicos paraenses. No Pará existe um grave problema que atinge os trabalhadores dos seringais plantados: a pararamose, que pode inutilizar os seringueiros para o trabalho. Para o surto ocorrido no oeste catarinense, onde mariposas do gênero *Lonomia* se adaptaram a fruteiras de clima temperado, Fraiha Neto et al. registram 60 casos, com pelo menos quatro mortes.

Em "Acidentes por animais aquáticos" são dadas recomendações muito úteis tanto para o contato com estes animais quanto sobre a conduta em caso de acidente.

Deve-se acrescentar que o livro, como um todo, está muito bem ilustrado.

Trata-se de uma obra imprescindível a qualquer biblioteca de instituição de saúde pública.

Mario B. Aragão

Departamento de Ciências Biológicas
Escola Nacional de Saúde Pública